

**Representatividade LGBT no mercado editorial brasileiro:
editoras independentes, percepções de consumo e desafios contemporâneos**

*LGBT representativity in the Brazilian publishing market:
independent publishers, consumer perceptions and contemporary challenges*

Nayane Victória MOREIRA¹
Nara Lya Cabral SCABIN²

Resumo

O artigo busca compreender como se configura a representatividade LGBT no atual mercado editorial brasileiro, com ênfase à atuação de editoras independentes. Para tanto, partimos de um breve histórico da literatura LGBT no Brasil, a partir do qual fica evidente a permanência de mecanismos de censura e interdição a essas obras ao longo dos séculos. Após traçar um panorama atual das principais editoras que publicam obras literárias de temática LGBT no país, e considerando a ampliação da visibilidade adquirida por movimentos LGBT no debate público em anos recentes, bem como seu impacto sobre a produção e consumo literários, analisamos os resultados de um estudo exploratório desenvolvido por meio da aplicação de questionário a leitores(as) acerca de suas percepções sobre os impactos da literatura LGBT em diferentes públicos. Por meio da análise de conteúdo das respostas ao questionário, apontamos avanços e desafios em termos da representatividade LGBT no mercado editorial brasileiro.

Palavras-chave: Mercado editorial. Literatura LGBT. Editoras independentes. Representatividade.

Abstract

The article seeks to understand how LGBT representativity is configured in the current Brazilian publishing market, with emphasis on the role of independent publishers. Therefore, we start from a brief history of LGBT literature in Brazil, from which it is evident the permanence of censorship and interdiction mechanisms against these works over the centuries. After tracing a current overview on the main publishers that publish LGBT-themed literary works in the country, and considering the increased visibility acquired by LGBT movements in public debate in recent years, as well as their impact on literary production and consumption, we analyze the results of an exploratory study

¹ Graduanda do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial da Universidade Anhembí Morumbi. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-AM. E-mail: naymoreira08@hotmail.com

² Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e pós-doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembí Morumbi (PPGCOM-UAM). E-mail: naralyacabral@yahoo.com.br

developed through the application of a questionnaire to readers about their perceptions about the impacts of LGBT literature on different audiences. Through the content analysis of the responses to the questionnaire, we point out advances and challenges in terms of LGBT representativity in the Brazilian publishing market.

Keywords: Publishing Market. LGBT literature. Independent publishers. Representativity.

Introdução

Movimentos sociais voltados para as causas feministas e reivindicações da comunidade LGBT estão ganhando cada vez mais voz e importância na sociedade, e é com base nessa percepção que a presente pesquisa surgiu, a fim de compreender como se configura, no mercado editorial atual, com destaque para o cenário de editoras independentes, a representatividade LGBT.

Para tanto, partimos de um histórico da literatura LGBR no Brasil, destacando a permanência de mecanismos censórios impostos aos autores ao longo do século. Ao lado dessa breve contextualização histórica, traçamos um panorama das editorias brasileiras que publicam, atualmente, obras com temática LGBT, procurando diferenciar grandes empresas estabelecidas de editoras independentes. Em seguida, apresentamos os principais resultados obtidos a partir da aplicação de questionário a leitores(as) sobre seus hábitos de leitura e a representatividade LGBT na literatura.

É importante ressaltar que a intenção da pesquisa não é quantificar o número de publicações LGBT no mercado, mas sim, discutir mudanças socioculturais que estão na base de potenciais transformações significativas da cultura de consumo literário no Brasil contemporâneo. Dessa forma, esperamos compreender como essas transformações afetam percepções de consumo sobre literatura LGBT no mercado editorial, com destaque, como já apontado, para editoras independentes.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota métodos de investigação predominantemente qualitativos e pauta-se pelo modelo metodológico da pesquisa como proposto por Lopes (2010). Assim, em primeiro lugar, dedicamo-nos à revisão bibliográfica sobre o tema a fim de construir um Quadro Teórico de Referência, que será apresentado de forma sucinta neste artigo. Em segundo lugar, as etapas de observação e coleta de dados foram realizadas por meio da aplicação de questionários a leitores(as),

por meio da ferramenta Google Forms e considerando uma amostragem não probabilística. Os resultados foram tabulados e, em seguida, examinados conforme princípios da análise de conteúdo, de modo a ser possível identificar as principais percepções dos respondentes sobre o papel da leitura de obras com temáticas LGBT por públicos pertencentes e não pertencentes a essa comunidade.

A literatura LGBT no Brasil

Na literatura brasileira, as primeiras histórias envolvendo homossexuais são provenientes do século XVII, escritas pelo poeta erótico-satírico Gregório de Matos. Em suas poesias, muitas vezes ele usava expressões claramente homoeróticas³. Matos ficou conhecido por imortalizar seus inimigos em versos satíricos, como foi o caso do governador-geral do Brasil, que ganhou poemas cheios de ironia e insinuações homoeróticas em sua homenagem (TREVISAN, 2018).

No entanto, a obra que se tornou a primeira grande referência em literatura homoerótica foi *Bom-Crioulo*, do escritor Adolfo Caminha. Publicado em 1895, o livro apresenta como temática principal a história de amor entre dois homens, o garoto Aleixo e Amaro, um marinheiro negro que era conhecido como Bom-Crioulo. O choque maior ante a obra decorreu do fato de o autor tratar a relação entre dois homens com naturalidade, tal como se trataria caso fosse uma relação heterossexual, o que faz de Caminha um visionário para a época. Claro que a história contém estereótipos, como chamar os personagens de doentes ou alegar que a homossexualidade é um componente da selvageria de um negro, no entanto, Caminha também enriquece a obra com detalhes sobre a relação amorosa dos dois rapazes (TREVISAN, 2018).

Durante décadas, o livro foi proibido em escolas e bibliotecas por conta de suas cenas explicitamente homossexuais e, durante o governo de Getúlio Vargas, a reimpressão do romance foi proibida sob a alegação de que seria uma obra comunista. Até os críticos literários da época, como José Veríssimo, Valdemar Cavalcanti e Lúcia Miguel Pereira, desaprovaram a obra, alegando que era imoral, além de insinuarem que

³ O conceito de homoerotismo reflete as diversas relações eróticas entre pessoas do mesmo sexo, não se limitando a apenas um grupo identitárias, mas a todos os indivíduos. Termo muito utilizado por pesquisadores e críticos literários por abranger as relações dos sujeitos homossexuais.

o livro poderia ser, em partes, autobiográfico, o que só mostra como até mesmo os intelectuais da época condenavam a homossexualidade em favor dos bons costumes.

Outros autores que também passaram pela mesma situação, tendo suas obras rejeitadas pela crítica e pelo público, devido à fama de homossexuais, incluem nomes como os de João do Rio, Mário de Andrade e Olavo Bilac. Hoje, esses autores, como sabemos, são considerados clássicos literários e tiveram suas obras republicadas e aclamadas pela crítica; além disso, autores como Adolfo Caminha e Mário de Andrade foram republicados pela Index ebook, “editora especializada em ebooks de literatura de temática gay, lésbica, bissexual, transgênero, queer e outras”⁴

Em um período mais recente, outro grande foco de polêmicas na literatura ficcional brasileira foi a obra da escritora Cassandra Rios, a mais censurada durante a ditadura civil-militar. A autora tinha como objeto principal de suas obras a relação entre duas mulheres. Muitas vezes levando elementos pornográficos aos seus romances, Cassandra também colocava em suas histórias a culpa que o homossexual carrega ao considerar sentir um amor pecaminoso.

Foi apenas na década de 1970 que autores começaram a escrever de forma mais desinibida sobre “suas vivências, seus afetos e suas angústias enquanto homossexuais” (TREVISAN, 2018, p. 255), começando com o escritor Agnaldo Silva e sua obra *Primeira carta aos andróginos* (1975); Caio Fernando Abreu, com seus poemas cheios de amor entre rapazes; Silviano Santiago, com uma das primeiras obras com uma protagonista transexual, *Stella Manhattan* (1985); além de Herbert Daniel, com sua obra autobiográfica *Passagem para o próximo sonho* (1982).

Apesar dos avanços, velhos moralismos continuavam presentes. João Silvério Trevisan foi um dos autores que, nos anos 1970, enfrentou dificuldades para publicar suas primeiras obras. Em 1976, ao tentar tornar público seu primeiro livro de contos, *Testamento de Jônatas deixado a David*, um editor assumidamente ligado às lutas dos movimentos sociais aceitou publicar apenas os contos que tratavam de política, excluindo os que falavam sobre as vivências homoeróticas dos personagens, pois, segundo o editor, estes não seriam destacadamente revolucionárias (TREVISAN, 2018).

⁴ Conforme informações disponíveis no site da Index ebook, na seção “Sobre nós”. Disponível em: <<http://www.indexebooks.com/sobre-noacutes.html>>. Acesso em: 26 Jun. 2021.

Apesar de tantas formas diferentes de interdição, timidamente a literatura LGBT veio tomando forma a partir do século XXI. Inicialmente, “amortecido por certo viés militante, denunciante ou toscamente erotizado, que muitas vezes resultou em parca expressividade criativa” (TREVISAN, 2018, p. 549), mostrando que a comunidade LGBT só poderia ser representada de forma erótica ou por aquele personagem homossexual que passa por situações de repressão e acaba em um final infeliz.

Após esse período, a escrita LGBT se abriu para novos caminhos mais expressivamente criativos, juntamente com uma abordagem mais realista e segura. Há alguns exemplos que merecem espaço neste trabalho, como Bernardo Carvalho, com obras como *Nove noites* (2002); Marcelino Freire, com as obras *BaléRalé* (2003) e *Nossos Ossos* (2013); Lima Trindade, com contos homoeróticos como a obra *Corações blues e serpentinadas* (2007) e *Aceitaria tudo* (2015); e Victor Heringer, que lançou a obra *O amor dos homens alvos* (2016). Santiago Nazarian também se destaca por tratar de poliamor⁵ em sua obra *Feriado de mim mesmo* (2005), assunto pouco explorado em livros com temática LGBT.

Também vêm à tona escritas de temática lésbica, levando a representação da homoafetividade feminina para um viés distante dos enfoques erotizados e fetichistas geralmente utilizados em uma perspectiva heterocentrada. São obras que dão voz a mulheres protagonistas, como é o caso de autoras como Natalia Borges Polesso, com o premiado *Amora* (2015); Diedra Roiz, com a ficção científica *O suave tom do abismo* (2015); e Amara Moira, com o livro *E se eu posse puta* (2016), que fala sobre a transexualidade feminina.

No entanto, apesar de as mulheres estarem ganhando mais espaço no mundo editorial, elas ainda são sub-representadas. Em um estudo realizado por Regina Dalcastagnè, considerando o período de 1990 a 2004, em grandes editoras, 62,1% dos personagens eram do sexo masculino, enquanto apenas 37,8% eram do sexo feminino. Além disso, em relação à orientação sexual dos personagens, mais de 90% eram heterossexuais, enquanto apenas 8,3% pertenciam a alguma fatia da sigla LGBT, sendo 79,2% desses personagens homossexuais masculinos (DALCASTAGNÈ, 2011).

⁵ Segundo o dicionário *Michaelis Online*, poliamor “é um tipo de relação ou atração afetiva em que cada pessoa tem a liberdade de manter vários relacionamentos simultaneamente, negando a monogamia como modelo de fidelidade, sem promover a promiscuidade. Caracteriza-se pelo amor a diversas pessoas, que vai além da simples relação sexual e pela ausência em relação à ausência de ciúme de todos os envolvidos nessa relação. O propósito do poliamor é amar e ser amado por várias pessoas ao mesmo”.

Em outra pesquisa⁶ realizada pela mesma pesquisadora, sendo esta relativa ao período de 2005 a 2014, o número de personagens do sexo masculino caiu para 58,2%, enquanto o número de personagens de sexo feminino subiu para 41,3%. No entanto, o número de personagens heterossexuais subiu para 92,2%, enquanto os pertencentes à sigla LGBT caiu para 7,7%.

Literatura LGBT no atual mercado editorial

Como parte dos objetivos integram a presente pesquisa, buscamos mapear editoras de categoria independente, com foco em publicação de livros LGBT. Assim, em uma primeira etapa de nossos levantamentos, procuramos mapear editoras presentes no Brasil, tanto independentes quando de massa, que publicam livros de temática LGBT, como vemos na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Lista de editoras que publicam obras com temática LGBT

Lista de Editoras				
Editora	Selo de publicação	Ano	Status	Porte
Editora Vira Letra	Vira Letra	2014	Ativa	Pequeno
Editora Palavras Expressões e Letras (PEL)	PEL	2015	Ativa	Pequeno
Se liga Editorial	Se liga Editorial	2018	Ativa	Pequeno
Editora Nacional	Editora Nacional	1925	Ativa	Grande
Editora Lápis Roxo	Lápis Roxo		Ativa	Pequeno
Universo dos Livros	Hoo	2006	Ativa	Grande
Editora Sinna	Editora Sinna		Ativa	Pequena
Metanoia Editora	Crianças Diversas		Ativa	Pequena
Index ebook	Index		Ativa	Pequena
Arole Cultural	Arole Cultura		Ativa	Pequena
Dublinense	Não Editora	2009	Ativa	Pequena
Grupo Editorial Record	Galera Record	2007	Ativa	Grande
Oito e Meia Editora	Tranversal	2013	Ativa	Pequena
Editora Rocco	Editoria Rocco	1975	Ativa	Grande

Fonte: Dados levantados pela autora.

⁶ Segundo matéria Revista Cult Digital – UOL, 05 Fev. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>>. Acesso em: 26 Jun. 2021.

Tabela 2 – Lista de editoras independentes que publicam obras com temática LGBT

Entrevistas
Editora Vira Letra
PEL
Se Liga Editorial
Editora Sinna
Metanoia Editora
Index e-book

Fonte: Dados levantados pela autora.

A partir deste primeiro mapeamento, dentre as editoras catalogadas, destacamos as que podem ser classificadas por serem independentes e possuírem linhas editoriais voltadas à comunidade LGBT, além de buscarem levar representatividade ao mundo. A Tabela 2, acima, destaca esses casos, dentre os quais, alguns se destacam:

- A Se Liga Editorial⁷ foi fundada por Thati Machado, em 2018, com o intuito de levar ao mercado editorial “representatividade em um formato mais jovem e atual.” A primeira publicação da editora foi o livro *#OrgulhoDeSer e*, atualmente, a editora publica livros que tratam assuntos como diversidade sexual, étnica, gênero, pessoas com deficiência etc.
- A Metanoia Editora nasceu com a intenção de transformar pensamentos e construir novos paradigmas a partir de livros que expressem toda a diversidade que existe em cada pessoa. As principais linhas editoriais da Metanoia são gênero e sexualidade e diversidade religiosa. A editora conta com o selo “Crianças Diversas” e possui publicações como *As duas mães de Anita* e *Meu nome social é Dulce Maria*.
- A Editora Vira Letra, fundada em 2014 pela editora Manuela Neves, nasceu para representar as mulheres lésbicas, em um espaço de fala criado para que essas mulheres pudessem se identificar, sendo elas autoras ou leitoras. Atualmente, Manuela vive em Franca – SP, e a editora, que conta com mais de 30 títulos

⁷ Todas as informações acerca das editoras apresentadas nesta seção foram retiradas de seus respectivos sites institucionais.

publicados, funciona apenas digitalmente, com *e-commerce* em site próprio e venda pela plataforma Amazon. Alguns títulos que constam em seu catálogo são: *Simplesmente Mãe*, de Raquel Gomes; *Amor a qualquer preço*, de Diedra Roiz; *De repente é amor*, de Karina Dias; e *Garotas como eu*, de Lis Selwyn.

- A Editora Palavras Expressões e Letras (PEL) foi fundada em 2015 por Paula Curi a fim de publicar livros LGBT e mostrar que o mundo é feito de pluralidades. Atualmente, a editora conta com 16 livros publicados, com venda direta por site próprio e pela plataforma Amazon; fazem parte de seu catálogo títulos como *Aquários*, de Marina Portecelis; *(In)Destrutível*, de Débora Mestre; *A Guarda-Costas*, de Adriana P Silva; e *Apartamento 52*, de Gisa Nunes.

Considerando este último recorte de editoras independentes, foi realizada ainda entrevistas estruturadas com representantes de editoras brasileiras independentes que publicam obras com temática LGBT, conduzidas ao longo dos meses de janeiro e fevereiro de 2021, conforme apresentamos em outra ocasião⁸. Neste artigo, feito este panorama de editoras inseridas no mercado editorial LGBT brasileiro, passaremos à apresentação dos resultados referentes à aplicação de questionário a leitores(as) sobre suas percepções acerca da literatura LGBT.

A percepção de leitores(as) sobre literatura LGBT no Brasil

A fim de compreender a percepção dos leitores de literatura LGBT, foi realizada pesquisa de caráter exploratório e qualitativo, desenvolvida por meio de um questionário disponibilizado via plataforma Google Forms, enviado para amostragem de respondentes não probabilística, segundo um recorte de conveniência (o questionário foi divulgado pelas redes sociais da autora deste estudo), e permaneceu aberto para o recebimento de respostas entre os dias 29 de março a 5 de abril de 2021.

Faz-se necessário esclarecer que parte dos dados será analisada quantitativamente para caracterizar nossa amostra e os perfis de respostas mais recorrentes, enquanto uma parte o será qualitativamente (é o caso das respostas às perguntas abertas, que requereram

⁸ As conclusões obtidas, no âmbito da presente pesquisa, a partir da realização de entrevistas com representantes de editoras independentes brasileiras que publicam obras com temática LGBT foram apresentadas no XV Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (ABRAPCORP), realizado entre os dias 7 e 11 de junho de 2021.

dos respondentes reflexão mais aprofundada sobre sua relação com a literatura LGBT). Estas últimas respostas serão analisadas segundo procedimentos da análise de conteúdo.

Para Bardin (apud SANTOS, 2012), a análise de conteúdo é um método empírico, que tem como função desvendar, de forma crítica, diversos discursos. Na obra de Bardin, a análise de conteúdo possui diferentes funções, mas, para a presente pesquisa, é necessário destacar um aspecto fundamental, segundo o qual estamos diante de “um método de categorias que permite a classificação dos componentes do significado da mensagem em espécie de gavetas” (SANTOS, 2012, p. 2). Assim, nessa perspectiva, a análise de conteúdo é também um método que permite organizar as unidades de análise, diferenciá-las e agrupá-las por semelhanças específicas, tornando possível o manejo de um conjunto amplo e inicialmente disperso de sentidos, como aqueles produzidos a partir de entrevistas e questionários.

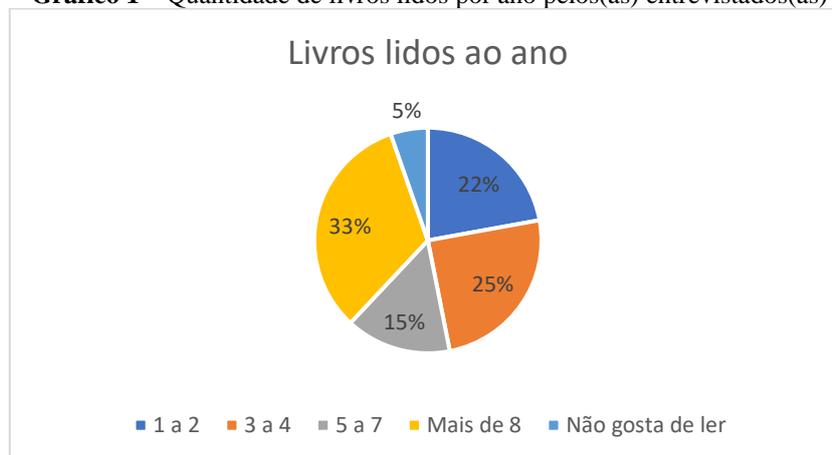
Com base em tais aportes teórico-metodológicos, faz-se necessário, como primeiro em direção à análise das respostas apresentadas pelos(as) entrevistados(as) ao questionário aplicado, descrever o perfil dos respondentes. Foram considerados 113 entrevistados(as), dos quais 72% eram mulheres cis, 22% homens cis, 2% não-binários, 2% mulheres trans, 1% homens trans e 1% agênero. Em relação à faixa etária dos(as) entrevistados(as), 54% tinham entre 15 a 19 anos, 22% entre 20 a 25 anos, 6% entre 26 a 31 anos, 5% entre 23 a 37 anos e 13% tinham mais de 37 anos.

Além disso, entre os respondentes, 74% eram do estado de São Paulo, sendo 39% da capital, 8% de Santo André, 6% de São Lourenço da Serra, 3% de Taboão da Serra, 2% de Mauá, 2% de Vargem Grande Paulista, 1% de Embu, 1% de São Bernardo do Campo, 1% de São Caetano do Sul, 1% de Diadema, 1% Cotia e 1% de Barueri. 23% eram do estado Rio de Janeiro, sendo 25% da capital, 2% de São Gonçalo, 1% de Nilópolis e 1% de Nova Iguaçu. 1% era do estado do Rio Grande do Sul, da cidade de Porto Alegre; 1% de Pernambuco, da cidade de Recife e 1% do Mato Grosso do Sul, da cidade de Fátima do Sul.

Sobre sua escolaridade, a pesquisa mostrou que mais da metade dos respondentes possuem ensino superior completo ou incompleto, com 41% e 34% respectivamente, o que possivelmente explica o alto índice de leitura entre os(as) entrevistados(as) que foi captado pela pesquisa. Isso porque, os resultados da tabulação das respostas à pergunta que indagava quantos livros os(as) entrevistados(as) leem por ano foram surpreendente, levando em conta que o brasileiro lê, em média, apenas 5 livros por ano: 33% dos(as)

entrevistados(as) responderam que leem mais de oito livros por ano e apenas 5% responderam não gostar de ler (Gráfico 1).

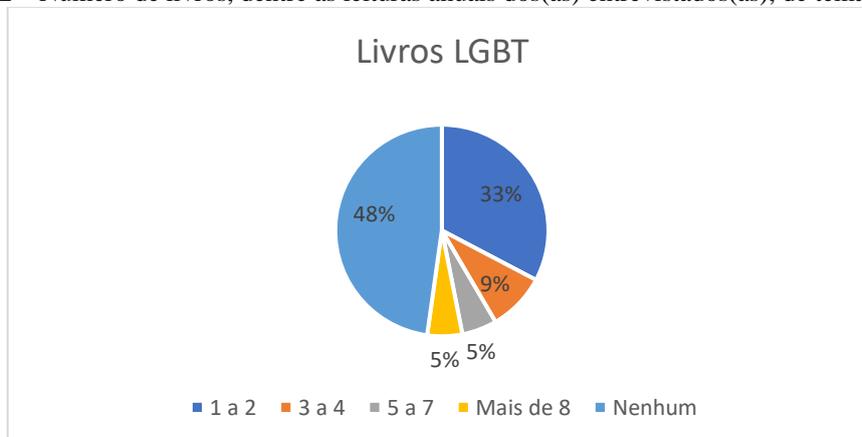
Gráfico 1 – Quantidade de livros lidos por ano pelos(as) entrevistados(as)



Fonte: Dados coletados pela autora.

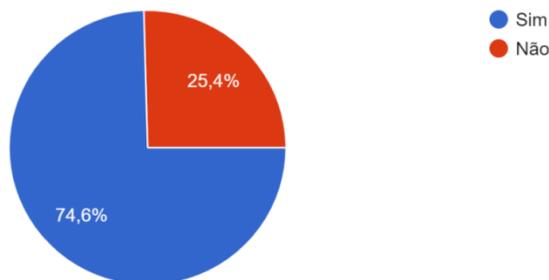
Ao mesmo tempo, entre os livros lidos, 48% responderam que nenhum livro possuía uma temática LGBT, enquanto 33% responderam terem de 1 a 2 livros com essa temática (Gráfico 2). Dentre os respondentes que disseram ler pelo menos um livro LGBT por ano, 74,6% se declaram LGBT e 25,4% se declaram não LGBT (Gráfico 3). Já no campo que indagava de quais editoras eram os livros LGBT lidos – um campo opcional aberto –, 66% dos entrevistados responderam a essa pergunta, enquanto 17% não souberam responder ou não especificaram a editora; e 17% não responderam (Gráfico 4).

Gráfico 2 – Número de livros, dentre as leituras anuais dos(as) entrevistados(as), de temática LGBT



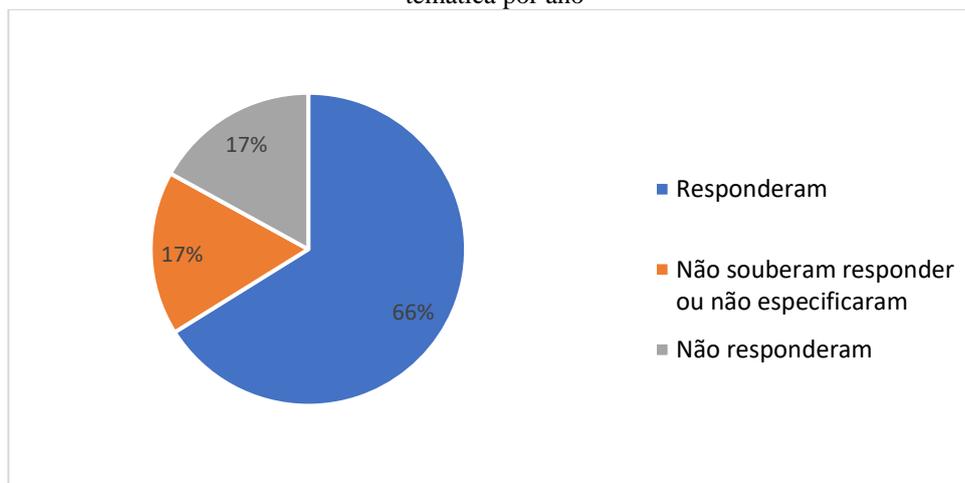
Fonte: Dados coletados pela autora.

Gráfico 3 – Respondentes que declaram ser ou não LGBT dentre aqueles que leem pelo menos um livro com essa temática por ano



Fonte: Dados coletados pela autora.

Gráfico 4 – Conhecimento sobre as editoras entre respondentes que leem pelo menos um livro com essa temática por ano



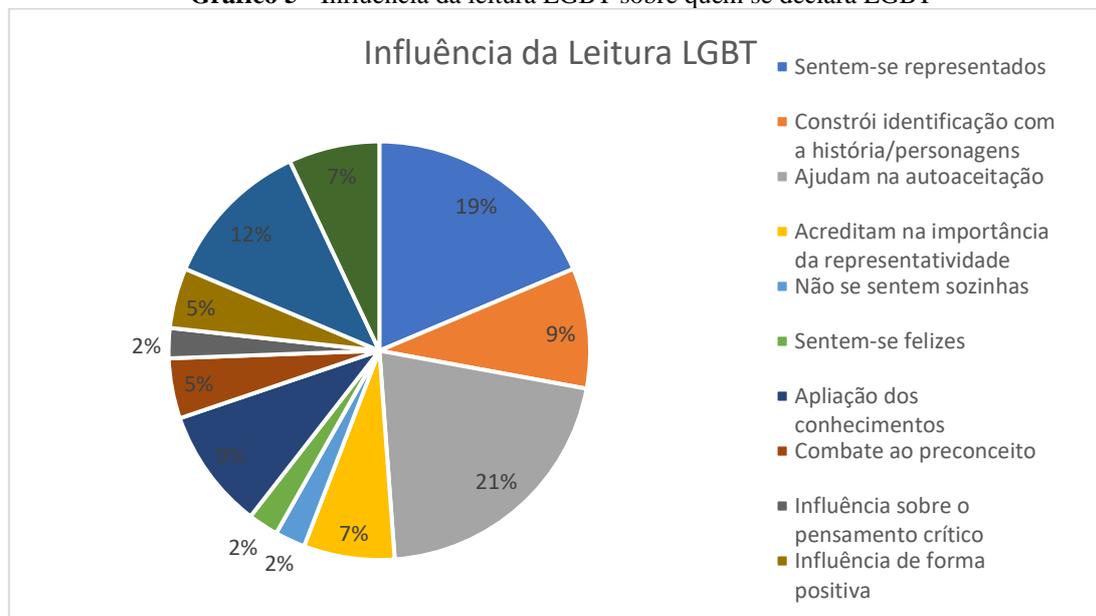
Fonte: Dados coletados pela autora.

Entre as editoras de livros LGBTs mais citadas, estão a Editora Intrínseca; a Companhia das Letras e seu selo Seguinte; a Galera Record, que é o selo jovem do Grupo Editorial Record; e a Editora Rocco; além, é claro, de autores independentes que estão muito presentes no cenário da literatura LGBT. Entre as editoras independentes citadas que estavam presentes na tabela de editoras selecionadas para a entrevista, apenas a Editora Palavras Expressões e Letras (PEL) e a Se Liga Editorial foram mencionadas pelos participantes.

Feito este panorama quantitativo inicial, passamos agora à análise de conteúdo das respostas oferecidas pelos respondentes às questões abertas do questionário. Nesta etapa, para a análise de cada questão, foram definidas, com base em princípios de exaustividade, homogeneidade e exclusividade, categorias para reunir as respostas apresentadas pelos

entrevistados(as), sendo que cada resposta foi considerada como uma unidade de análise. Vejamos os resultados.

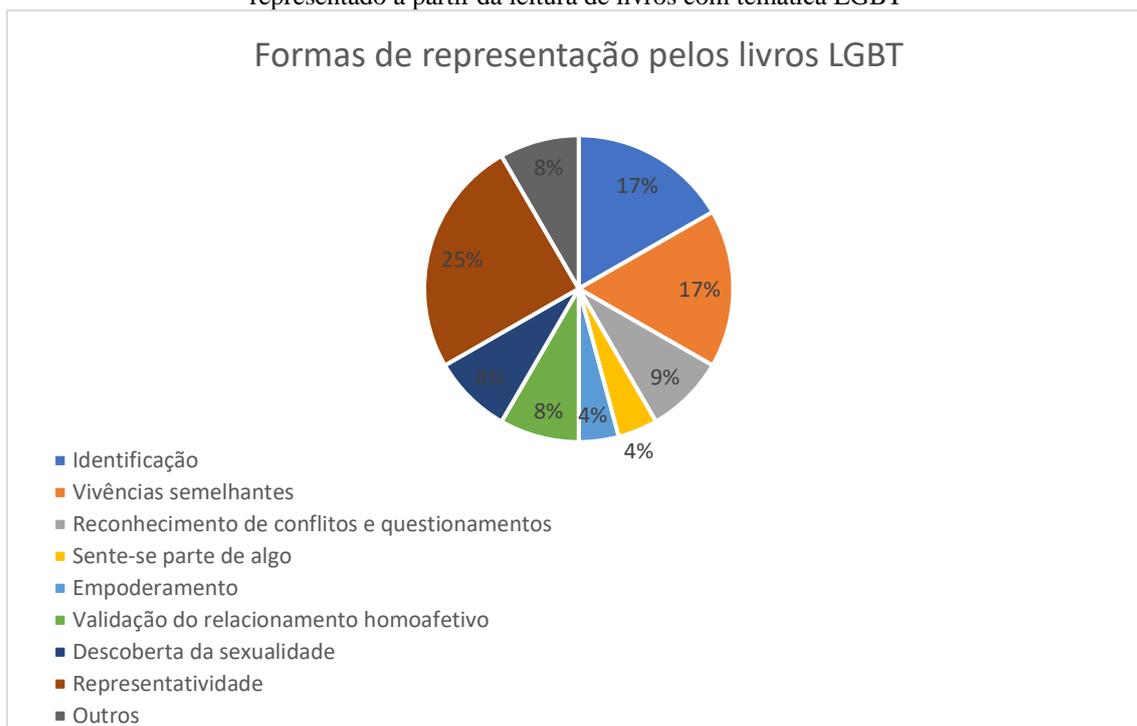
Gráfico 5 - Influência da leitura LGBT sobre quem se declara LGBT



Fonte: Dados coletados pela autora.

Dentre as pessoas que se declararam LGBT e leem pelo menos um livro sobre essa temática por ano, 21% disseram que a leitura de livros LGBT ajuda na autoaceitação; 19% responderam se sentir representados nesse tipo de história; 9% diz construir identificação com a história ou personagem do livro; 9% respondeu que amplia os conhecimentos; 7% acreditam na representatividade que um livro com temática LGBT traz; 5% responderam que a leitura de livros LGBT são uma forma de combate ao preconceito; 5% disseram ser influenciados de forma positiva por essas leituras; 2% diz que a leitura desses livros faz com que o leitor não se sinta sozinho; 2% responderam se sentir feliz ao ler algum livro LGBT; 2% responderam que influência o pensamento crítico; e 17% responderam não saber ou que essa leitura não os influencia. Além disso, 7% das respostas foram classificadas na categoria “Outros”. Esses resultados são apresentados no Gráfico 5, acima.

Gráfico 6 – Percepção quanto aos fatores que levam quem se declara LGBT a afirmar que se sente representado a partir da leitura de livros com temática LGBT



Fonte: Dados coletados pela autora.

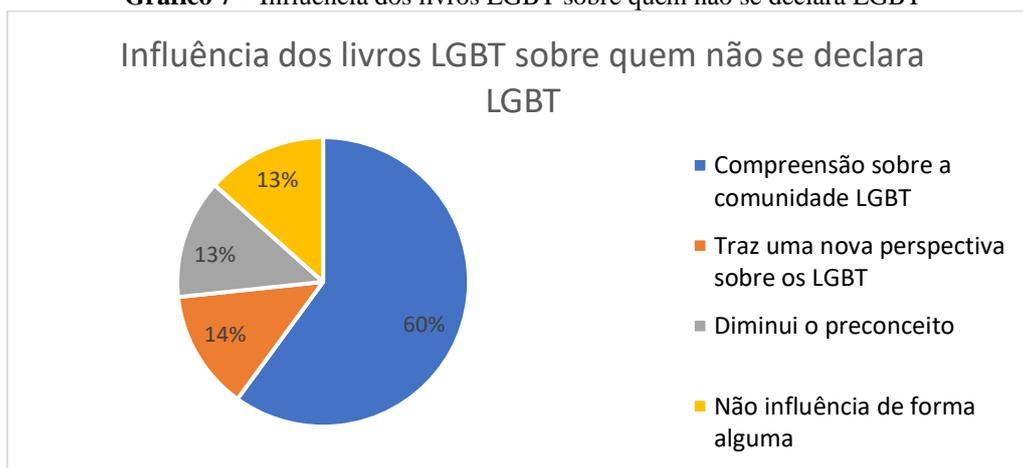
Em outra questão, direcionada apenas aos leitores que se declararam LGBT, 81,8% disseram se sentir representados por essas histórias, enquanto apenas 18,2% disseram não se sentir representados. Entre os(as) leitores(as) que se sentem representados(as), ao responder sobre as razões que levam a essa percepção, 25% dos respondentes disseram que as histórias trazem fatos que representam suas vidas, como “Por representar o que eu sinto por meninas” ou “Os livros acabam por representar minha sexualidade, dificuldades sociais e preconceitos vividos diariamente”; 17% responderam que se sentem representados a partir de uma identificação, por exemplo, “conseguir me enxergar no personagem e ter passado as mesmas coisas que ele”; 17% responderam que a leitura aborda vivências semelhantes às do mundo real, como “Lendo histórias que mostravam o medo de sair do armário, e a insegurança do processo de se descobrir homossexual”; 9% responderam se reconhecer em conflitos e questionamento, destacando, por exemplo, “Personagens com profundidade, tendo questionamentos pessoais com os quais já me deparei, ou estou tendo atualmente”; 8% destacaram a validação de um relacionamento homoafetivo a partir das histórias, apontando, por exemplo, que “De alguma forma a representação de relações gays, quando bem feita,

ajuda a validar o amor”; 8% apontaram que as histórias ajudam/ajudaram na descoberta da própria sexualidade; 4% disseram que as histórias se fazem representativas ao darem o sentimento de que a pessoa LGBT faz parte de algo; e 4% disseram que os livros trazem empoderamento. Além disso, 8% das respostas foram classificadas como “Outros”. Esses resultados são apresentados no Gráfico 6, a seguir.

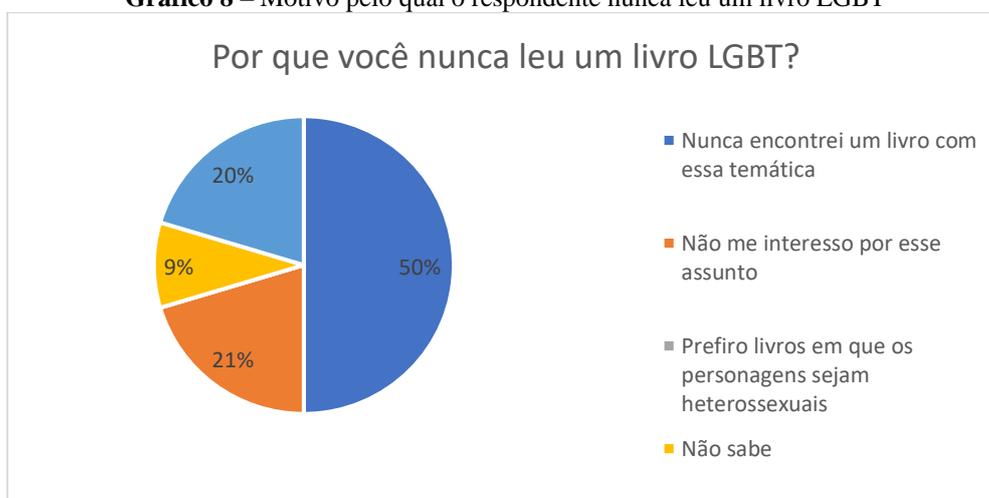
Dentre os respondentes que disseram ler pelo menos um livro LGBT por ano e se declararam LGBT, mas não se sentem representados pelas obras, todas as respostas à pergunta, que era uma pergunta aberta obrigatória, são justificadas por falta de representatividade de minorias e/ou uso de estereótipos da comunidade LGBT, como na resposta “Sou uma mulher preta e bi. E dos livros que li até o momento eram só sobre homens gays”; ou “Nunca li nenhum livro com personagens pansexuais e/ou não-binários principalmente não-magros (meu caso), normalmente são homossexuais ou bissexuais (que também são muito importantes porém não me enquadro nisso)”.

Além disso, um respondente destacou que as histórias concentram todo o drama da obra no fato de o personagem ser LGBT, o que leva a história ter a homossexualidade e seus conflitos como ponto central e não tratada como mais uma um detalhe do personagem. Essa insatisfação foi representada pela resposta “Construção de personagem não tão profunda, na qual representavam mais o estereótipo do que um ser humano qualquer com outros ambições”.

Por outro lado, dentre os respondentes que disseram ler pelo menos um livro LGBT por ano e não se declararam LGBT, quando questionados sobre a influência de tais leituras, 60% responderam que a leitura desses livros traz compreensão sobre a comunidade LGBT; 14% responderam que os livros trazem uma nova perspectiva sobre a vida dos LGBT; 13% responderam que ajuda a diminuir o preconceito; e 13% disseram não influenciar de forma alguma. O Gráfico 7, a seguir, evidencia a distribuição das respostas para essa pergunta.

Gráfico 7 – Influência dos livros LGBT sobre quem não se declara LGBT

Fonte: Dados coletados pela autora.

Gráfico 8 – Motivo pelo qual o respondente nunca leu um livro LGBT

Fonte: Dados coletados pela autora.

Entre os participantes que responderam ler pelo menos um livro por ano, mas nenhum livro de temática LGBT, ao serem indagados sobre as razões que explicam o fato de nunca terem lido tais obras, 50% responderam que o motivo é porque nunca encontram um livro com essa temática no mercado; 21% responderam não se interessar pelo assunto; e 9% responderam não saber o motivo. Além disso, 20% responderam “Outros”. Tais resultados são apresentados no Gráfico 8, acima.

Neste último caso, havia um espaço para que o participante deixasse uma breve explicação; dentre as respostas, destacamos casos como “Geralmente leio livros que tenham alguma temática de crescimento e conhecimento pessoal”; “Nunca li pq [sic] nunca me indicaram livros dessa temática. Minha falta de interesse também deve-se ao condicionamento social que contribui para que não tenhamos interesse no tema.

Recentemente não leio pq [sic] estou focada no meu autoconhecimento”; e “Ótima pergunta, vou pesquisar mais e lê [sic] uns”. Assim, essas respostas mostram que alguns participantes da pesquisa possuem interesse em ler livros com essa temática.

Considerações finais

Em 2020, a Se Liga Editorial realizou o evento SeLiga Con 2020, um evento *online* com o intuito de aproximar o público da editora com os autores e com a própria editora. A programação do evento contou com uma série de *lives* no YouTube, entre elas a Escrevendo YA⁹ LGBTQIA+, mediada por Thati Machado, com a participação de Renato Jardim, autor de *Sangue azul*; Luiz Gouveia, autor de um dos contos da obra *Cor não tem gênero*; Amanda Lomba, autora da antologia *Gordes: uma celebração aos corpos livres*; Lino, autor da obra *Transderella*; e Juliana Lovato, autora de um dos contos da obra *Histórias Coloridas para dias Especiais*.

No debate, a mediadora Thati Machado pergunta aos participantes o que falta, em questões de representação LGBT, no cenário YA atual. A autora Amanda Lomba respondeu: “Falta representatividade de alguns grupos, como pessoas não-binárias, pessoas trans. O que falta muito são histórias com final feliz, bem clichês, que no hetero acontece muito. O que vemos muito é o personagem gay morrer, ter um fim trágico.” (SE LIGA EDITORIAL, 2020)

O autor Luiz Gouveia completou a fala da colega dizendo que há “muito protagonista gay, mas o restante não tem muito. Trans, por exemplo, tem poucas biografias. Onde estão esses autores, essas pessoas, as outras cores da bandeira?” (SE LIGA EDITORIAL, 2020). Outro participante, Renato Jardim, aborda o drama sempre presente nas histórias LGBT

Recepção do LGBT na vida, no cotidiano, porque somos pessoas comuns. Sempre tem um drama muito profundo, não consigo mais ler isso, as coisas acontecem naturalmente. [É preciso] naturalizar mais as histórias, tornar mais cotidiano, deixar mais próximo do cotidiano [...] eu quero me ver nos clichês, [ser] quem está sendo representado nesses clichês (SE LIGA EDITORIAL, 2020).

⁹ A literatura *young adult* ou jovem adulta, consiste em retratar “personagens na transição da vida jovial para a vida adulta e os dilemas característicos dessa mudança [...] também se caracteriza por como um subconjunto literário e tem como público-alvo [...] a faixa etária de 14 a 21 anos” (RODRIGUES, 2018)

As falas acima, ao mesmo tempo em que evidenciam importantes limites e problematizações que podem ser apontados em relação à forma como pessoas LGBTQIA+ são representadas em obras literárias, pressupõem o desejo, por parte desta comunidade, de sentir-se representada na literatura, bem como a relevância, do ponto de vista tanto subjetivo quanto social, de tal reconhecimento. Em suma, apontam avanços e desafios que não podem ser ignorados pelo mercado editorial brasileiro e especialmente significativos para editoras independentes que publicam obras de temática LGBT.

Ao longo da presente pesquisa, procuramos discutir esses desafios, que encontramos eco nos resultados da análise que desenvolvemos a partir da percepção de leitores(as) sobre sua relação e o papel da literatura LGBT. Recuperando alguns de nossos principais achados, a pesquisa mostrou que, apesar dos respondentes serem leitores ativos e predominantemente declarados LGBT, menos da metade dos livros lidos tinham temática LGBT. Outro dado significativo é que os leitores parecem não ter fácil acesso a esses livros, uma vez que, metade dos participantes responderam que nunca haviam encontrado livros com a temática em foco. Esses dados permitem-nos levantar hipóteses em torno de uma possível divulgação insuficiente de obras LGBT por parte das editoras, uma comunicação ineficaz com seu público ou até mesmo a negligência do próprio leitor em procurar obras com essa temática.

O estudo mostrou ainda que os(as) leitores(as) seguem um padrão de compra, ao consumerem mais livros de editoras de massa, como as já citadas Editora Intrínseca, Companhia das Letras e Galera Record, excluindo as editoras independentes, que iniciaram no mercado por se identificarem verdadeiramente com as pautas LGBT; é o caso das editoras independentes mapeadas no curso desta pesquisa, que tiveram raras citações entre as respostas ao questionário aplicado. Esse dado também pode explicar a falta de conhecimento sobre livros com temática LGBT pelos leitores, uma vez que as editoras de massa possuem um catálogo mais brando e diversificado, o que faz com que não invistam tanto tempo na divulgação de uma mesma obra.

Levando em consideração a percepção sobre os benefícios da leitura LGBT por quem não se declara LGBT, o que se destaca entre os resultados da presente pesquisa é a maior compreensão dessa comunidade, pois, a partir da leitura de obras com essa temática, é possível compreender melhor as pautas e lutas LGBT. Já para quem se declara LGBT, a autoaceitação e o reconhecimento encabeçam essa questão, fazendo com que o leitor entenda melhor a si mesmo e seus sentimentos, além de se enxergarem nas histórias e

personagens.

Por outro lado, contrariamente aos que disserem se sentirem representados pelos livros LGBT, há os respicientes que afirmaram não se sentirem representados por essas histórias devido à falta de representatividade de homossexuais negros e negras, be, como pela falta de representatividade para além das identidades gay e lésbica. Dessa forma, não seria equivocado sublinhar a existência de uma percepção, entre o público consumidor de literatura livros com temática LGBT, de que a literatura LGBT, que surgiu com a intenção de mostrar a diversidade entre as pessoas e suas relações afetivas, recai em estereótipos de personagens, que parecem representar as mesmas formas de vivenciar a sexualidade e experimentar os mesmos dilemas.

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>>. Acesso em: 21 Abr. 2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

RODRIGUES, Viviane. **Perspectivas da Leitura LGBT *Young Adult* no Brasil**. 1ª edição. Plural Livros, 2018. E-book Kindle.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, p. 383-387, mai.2012. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>>. Acesso em: 27 Jun. 2021.

SE LIGA EDITORIL. **Abertura + Escrevendo YA LGBTQIA+**. YouTube, 2020. 2 horas 01 minuto 08 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MDEthxw4QZE&list=PLkQUHZjrjEVVWJucdD75E_F0mgNxzjiz6&index=1>. Acesso em: 25 Nov. 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil. Da colônia à atualidade**. 4.ed. Editora Objetiva, 2018.